

A black and white photograph of two children jumping in a field. The child on the left is captured mid-air with arms and legs spread wide. The child on the right is also jumping, slightly behind and to the right. The background is a cloudy sky, and the foreground shows the silhouettes of tall grasses and small plants.

EDUARDO SENS

DE QUANDO ÉRAMOS IGUAIS

EDITORA PENALUX
Guaaringueté, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Kyanja Lee e Daniel Zanella

IMAGEM DA CAPA: © depositphotos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S478q SENS, Eduardo. 1979 –
De quando éramos iguais / Eduardo Sens – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.
140 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-506-5

1. Romance. I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

1

DEPOIS DE DEZESSETE ANOS como promotor no júri em Santa Bárbara, foi desconcertante como o veredito do último caso daquele dezembro me abalou — um caso que parecia banal, rotineiro, insosso, como tantos outros daquele ano. Até hoje me lembro de todos os detalhes, dos olhares dos jurados, do choque que tomei ao reconhecer o réu, do número do processo, que me remoeu nas insones madrugadas dos meses que se seguiram.

A minha existência terrena de então se limitava à mesmice de casa-trabalho-churrasco-de-domingo que ceguei afogado na obviedade do meu cotidiano. Meus gestos, minhas falas, meus amigos, até mesmo o meu corte de cabelo, tudo girava em torno de um padrão plano e insensível. E, de fato, a perda de um filho não teria me deixado tão atordoado quanto a leitura daquela sentença; não, nada teria me levado a olhar de volta o passado — o meu passado — para reunir coragem e encarar os fatos como realmente aconteceram.

Eu sei que você deve estar pensando que histórias de redenção e de superação, essas dos roteiros batidos de filme americano, já não colam mais. Todos estamos crescidos o suficiente. Mas não é disso que se trata. Nos roteiros de

Hollywood, o protagonista sofre, apanha, perde a família num incêndio e, quando menos se espera, vence a luta final para os primeiros acordes de alguma balada inspiradora começarem a ressoar. A minha trajetória talvez seja um caso de superação às avessas, em que o personagem principal — eu, no caso, no auge da minha carreira — volta para apanhar do campeão mundial que surrou o desafiante.

Com a diferença de que aqui ambos são uma só pessoa.
Eu mesmo.

2

NÃO FIZ MUITO POR MERECER o que hoje tenho. As homenagens, os prêmios, os livros publicados, tudo isso devo muito mais aos outros do que a mim. É uma sensação estranha essa de não ver seu próprio esforço nas conquistas que se alcançam na vida. Tem gente, sei, que realmente botou a cara a tapa, fez tudo, ponta a ponta. Eu não. Não resgatei nenhum cachorro. Não dei ração para gatos abandonados. Não participei das campanhas altruístas no jornal. Mas mesmo assim o prêmio de Amigo dos Animais está ali, abarrotando a minha estante, com trinta e tantos outros prêmios: Cidadão Honorário, Parceiro dos Bombeiros, Gratidão do Legislativo... Enxergo o meu passado como quem olha fotografias mal batidas de um caminho longo, constante, chato e sem graça; as fotografias óbvias da óbvia viagem daquele seu amigo óbvio de tão sem graça.

Eu sinceramente queria ter feito alguma coisa. Queria ter acordado mais cedo aos domingos e saído com aquelas pessoas que fazem coisas ditas legais. Mas não consegui. Encontrei a revista semanal no sofá, um canal melhor na televisão, um jogo de futebol para assistir. Me rendi, cansado, à rotina. Isso deve acontecer com muita gente, eu sei, só que eu não me perdo. Você pode até pensar

que sou exigente demais comigo mesmo. Pode ser. Mas, de novo, é provável que isso tudo seja apenas mais um reflexo da minha imagem, que dissimula os meus defeitos, que os oculta sob a capa da minha função. Por isso só enxergam meu lado super-herói. E esse lado, confesso, é absolutamente falacioso.

Cresci numa cidade pequena, numa família de classe média tradicional, dessas de pai, mãe, irmãos, empregada e cachorro. Mesmo desejando do fundo dos meus pulmões, não tive tudo o que quis na infância. Na adolescência, não beijei as meninas que amei. Quando fiz dezoito anos, não ganhei carro zero, mesmo sendo filho do dono da concessionária. Tudo absolutamente normal. O colégio de padres tentou enraizar em mim, sem sucesso, uns conceitos religiosos, aqueles temores e preconceitos que pregam. Não sei se eram os padres, os professores ou os profetas que me desanimavam. Ou se nunca acreditei na estupidez que aquela balela toda trazia consigo. Apesar disso, num auto de Natal, acabei no papel de anjo Gabriel a contragosto e saí feliz do camarim. O outro anjo, a Marina, veio a ser a minha primeira namorada.

Quando muitos deixaram Santa Bárbara para a capital, eu preferi continuar na casa dos meus pais e ter as minhas coisas por perto. Com dezesseis anos, me parecia impossível conceber a ação deliberada de abandonar quarto e banheiro limpos e ensolarados e a cama arrumada pela empregada por pensões como aquelas em que os meus primos

moravam, de geladeira vazia e sofás fedendo a suor. E quer saber? Faculdade de Direito deve ser tudo igual. Não fazia a menor diferença e não fez. Aos vinte e três anos, com todos os códigos decorados e completamente cru de vida, eu passei no concurso e assumi uma promotoria só minha.

Hoje, passados quase vinte anos de profissão, posso dizer que me tornei um homem conservador e tenho orgulho disso. As pessoas que me procuraram no gabinete, e que eu acreditei estupidamente fossem uma amostra precisa de como pensa a sociedade, me deixaram assim. Verdade: demorei a perceber que aqueles que buscam um promotor em seu gabinete não se olham no espelho como um ponto desviante do sistema que a Justiça representa. Ninguém pega fila sabendo que receberá um não.

Jornais da associação, informativos de jurisprudência, coletâneas de artigos selecionados, grupos assistencialistas de fim de semana para pessoas que não se envergonham de expor um conservadorismo puritano. De tudo um pouco. Devagar, me tornei apenas mais um. Isso não deve ser novidade alguma, porque, principalmente em se tratando desse tipo de cargo, você sabe melhor que eu: não aceitam ninguém que desvie minimamente do que se considera um cidadão de ficha limpa.

Eu era esse cara. Ou quase.

E aqui estou, dentro deste salão, com seus móveis de madeira escura, o carpete esverdeado da década de oitenta, com todo o aparato da Justiça — policiais, escrivães, técnicos,

estagiários, cafezinho e água com gás —, para mais uma sessão do júri, a centésima quinta da minha carreira, tão perto da promoção, com meu terno preto, meu terno condenador: perdi poucos júris com ele, o tecido dá sorte. Já a toga, coitada, está ficando velha, com um ou outro fio puxado. Não uso a cinta vermelha — sempre achei brega, me deixa com jeito de lutador de kung fu. E os fechos apertam demais a gordura localizada na minha barriga de quatro décadas e meia de boa alimentação.

O pressentimento que me ocorre ao estudar o caso de hoje é tranquilizador. Parece certo que os jurados se sensibilizarão com a família da vítima daquela quente noite de verão. Crime bárbaro; réu com antecedentes; vítima querida na cidade. Fácil de condenar, não tenho dúvida. A estratégia precisa ser seca: chegar com energia e transpor os jurados ao lugar do morto. Ou da mulher do morto. Ou dos filhos do morto — tudo depende da inspiração na hora dos debates. Depende de como a família chorará no plenário. Depende até dos sinais telegráficos que os jurados passarem com as piscadas fora de ritmo, os pescoços enrijecidos quando eu lhes pedir uma opinião (que não podem exprimir), nas tentativas de disfarçarem uma ojeriza ao caso.

Vamos ver como me saio.

Só uma coisa me chamou a atenção. A faixa que penduraram lá fora.

3

“TAINHO É INOCENTE.”

Tainho deve ser o apelido do réu.

A coincidência me contrai o estômago. Esse era também o apelido de um menino que morava na favela perto da minha casa. Nunca soube o seu nome. Ele provavelmente ignorava o meu. Dois palmos mais alto, uns cinco anos a mais, chiclete na boca. Esse Tainho que eu conheci era o rei da turma: mostrava todos os dentes ao sorrir, gargalhava alto, corria como um galgo para vencer quem o desafiasse em qualquer brincadeira infantil — parecia um campeão olímpico, desses dos cem metros rasos. Garanto que ninguém saberia dizer seu nome de batismo. Nem os pais do Tainho deviam lembrar. Eram como a minha tia Hercília, que, de tantos filhos, não acertava nunca o nome daquele que queria chamar e com o tempo já trocava os nomes pelos apelidos. No final das contas, nem mais dos nomes se lembrava e, no posto de saúde, quando o médico perguntava, tinha que consultar o marido para responder. Pois é. Aquele menino da favela era o Tainho. E só. Bastava. Mas deve ser coincidência mesmo. Imagina quantos Tainhos há numa cidade litorânea como Santa Bárbara. O apelido deve vir de tainha, o peixe típico aqui

EDITORIA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

AUTOR
eduardo_sens@yahoo.com
